

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de letras e artes

Comunicação Visual Design

TCC

DORA, UMA MENINA NORDESTINA

EM UM LIVRO ILUSTRADO

Gabriel Benedito da Silva

Orientadora: Nair de Paula Soares

Coorientadora: Graça Lima

2018.2

RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Comunicação Visual Design



DORA
UMA MENINA NORDESTINA

GABRIEL BENEDITO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso - 2018.2

Orientação: Nair de Paula Soares

Coorientação: Graça Lima

AGRADECIMENTOS

O projeto foi um grande desafio, desde o começo eu sabia que precisava fazer um trabalho que espelhasse todas as minhas experiências vividas até o momento e teria que ser autoral. Estou realizando um sonho, um sonho que não é só meu, fui o primeiro da família a entrar numa faculdade pública e não conseguiria chegar até aqui sem o apoio da minha casa.

Devemos acreditar naquilo que nos dá esperança, sendo uma pessoa de fé, acreditei que no final daria tudo certo. Meu primeiro agradecimento vai para Deus, depois a meu pai, Edmilson Carvalho da Silva, minha mãe, Cleusa Benedito da Silva, minha família e meus avós, tenho que citar a minha avó Luiza Ferreira da Silva que foi uma das inspirações para o projeto, a narrativa nunca teria existido sem as suas lembranças, sua vida difícil na Paraíba.

É lamentável como o nosso país não valoriza o professor, esses que investem boa parte do seu tempo passando conhecimentos para futuros profissionais. Professores! Muito obrigado pois em meio a situação atual do país não deixaram de cumprir seus papéis como educadores, o ápice do descaso foi a triste perda de grande parte da memória brasileira no incêndio do nosso Museu Nacional.

Apesar de todos os acontecimentos, greves, incêndios, eu não poderia deixar de falar sobre a minha escola, EBA/UFRJ. Sou grato por poder estudar com grandes mestres e conviver com pessoas de todos os tipos. Há ocasiões que não convém citar nomes, porém, está é uma ocasião que faço questão de contrariar, em especial quero agradecer a minha querida professora e orientadora Nair de Paula Soares que foi mais do que uma orientadora, não conseguiria finalizar o projeto sem a sua ajuda, sua expertise e experiências, Ary Pimenta de Moraes Filho, eu achava que sabia desenhar até assistir suas aulas, grande mestre! E à querida professora Graça Lima que viu um potencial no meu trabalho e tem uma paciência enorme com os alunos. É fácil de enxergar o amor que eles têm pela arte de representar sobre uma superfície seja ela qual for.

Finalmente, meus agradecimentos para todos aqueles que acompanharam a minha trajetória, uns de perto e outros nem tanto, Tina Leitão que foi essencial para a edição do texto do livro, Eider que contribuiu com a sua memória nordestina, Miller Almeida, Leidiane Lessa com as suas sugestões e Patricia Amorim.

RESUMO

BENEDITO, Gabriel

Atualmente dispomos de diversas ferramentas de comunicação, seja digital ou impresso. Eu optei pelo livro impresso, através de uma narrativa em que a imagem exerce a função principal acompanhada pelo texto: o livro ilustrado. Neste suporte, o ilustrador tem total liberdade, seja na narrativa quanto na estética, sendo assim um dos motivos pela escolha do livro ilustrado como objeto de estudo e de expressão.

O projeto procura valorizar os elementos da cultura brasileira, direcionado para o público infantil, numa história de uma personagem nordestina que vem para o Rio de Janeiro com a sua família, fenômeno conhecido como migração.

Adotando essa ótica, pude explorar a questão migratória através de Dora, suas lembranças, regionalismos pouco conhecidos até então pelo público infantil. A ideia é enriquecer o vocabulário dessas crianças e trazer a memória elementos da nossa diversificada cultura regional brasileira.

Palavras-chave: Livro Ilustrado, livro-imagem, ilustração, design editorial, Nordeste, cultura brasileira

ABSTRACT

BENEDITO, Gabriel

We currently have at our disposal a number of tools for communication, be it digital or in print. I opted for the printed book, through a narrative in which the image plays the main role accompanied by the text: the picturebook. Through this medium the illustrator possesses complete freedom, both narratively as well as aesthetically, being one of the reasons the illustrated book was chosen as an object of study and means of expression.

The project seeks to promote elements of Brazilian culture, aimed at children, in a story about a character from the northeastern region of Brazil who comes to Rio de Janeiro with her family, a phenomenon known as migration.

It was through this viewpoint that I was able to explore the issue of migration through Dora, her memories and regionalisms that are not yet well known to children. The idea is to enrich these children's vocabularies and to bring to mind elements of our diversified Brazilian regional culture.

Key-words: Picturebook, illustration, editorial design, Northwest, Brazilian culture

1. Introdução

14 2. Pesquisa

- 2.1. Livro Ilustrado
- 2.2. O Nordeste
- 2.3. Regionalismos

48 3. PROCESSO

- 3.1. Narrativa
- 3.2. Pesquisa iconográfica
- 3.3. Estudos
- 3.4. Ilustração

72 4. Projeto Gráfico/Produção gráfica

- 4.1. Materialidade do Livro
- 4.2. Título da edição

84 5. Conclusão

Referências Bibliográficas



INTRODUÇÃO

10

Quem nunca desenhou nas bordas de um caderno enquanto a sua professora falava? Sim, eu era uma daquelas crianças que não se intimidava com a folha em branco. Meu caderno era todo desenhado nas bordas, eu só tinha receio do desenho se misturar com texto.

Uma coisa que eu não sabia é que essas figuras registradas nas folhas me ajudavam a memorizar ou até serviam como um registro visual quando eu esquecia de colocar a data. Meus pais percebendo isso me colocaram num curso de desenho.

Minha relação com a arte começou desde cedo, inoscentemente eu observava os desenhos feitos

nas paredes das ruas e aquilo agradava o meu olhar. Durante um tempo da minha vida, me dediquei só tentando copiar as artes feitas nas paredes, na maioria das vezes eram letras, alguma coisa nelas me chamava atenção a ponto de só querer reproduzi-las.

Eu levei um tempo para entender isso, sempre fui um pouco calado, mas quando eu pegava num lápis iniciava-se um diálogo entre mim e a folha, ou qualquer superfície que tivesse atrito com o grafite. Hoje eu tenho buscado um equilíbrio entre essa relação com a imagem, um dos principais motivos pela escolha de um livro ilustrado como suporte de comunicação das minhas ideias.

Infelizmente, eu não tive muito acesso aos livros. Meus pais que eram de origem humilde não tinham a noção da importância que a leitura tinha para uma criança.

Não sou conhecedor da cultura nordestina, para mim é um grande desafio representar visualmente a sutileza que há naquela parte do Brasil. A minha pequena proximidade com a região vem da minha família por parte de pai e pelas produções cinematográficas, tais como:

O Auto da Compadecida, 2000

O caminho da Nuvens, 2003

Deus e o diabo na terra do sol, 1964

O Nordeste, entra no projeto como um meio de estimular o conhecimento cultural e valorizar as nossas raízes. Como carioca morador de uma comunidade, me senti na responsabilidade também de colocar no projeto a minha visão gráfica da paisagem do local onde resido. O objetivo não é dizer que a minha cidade está tomada por favelas o que também não seria errado, mas mostrar um fato ao qual observo há um bom tempo. Boa parte da minha vizinhança vem de cidades nordestinas, isto se deve pelos movimentos migratórios, assunto melhor explicado no tópico sobre o Nordeste.

12

A partir disso pude desenvolver: Um livro ilustrado que propõe valorizar as tradições e culturas do nosso Brasil.

Rui de Oliveira em seu livro, *Pelos Jardins de Boboli* fala com maestria sobre a multiplicidade de assuntos que o ilustrador de livros para crianças deve expressar.

“Tomando o conceito grego do maravilhoso, compreendido como o meio de se chegar ao conhecimento, acredito que o trabalho do ilustrador de livros para crianças deve expressar qualquer temática, das favelas aos contos de fadas, de forma prodigiosa e maravilhosa.”

(Oliveira, 2011, p 55).



O AUTO DA COMPADECIDA

É um filme brasileiro de comédia dramática lançado em 2000. Dirigido por Guel Arraes e com roteiro de Adriana Falcão e João Falcão, o filme é baseado na peça teatral "Auto da Compadecida" de 1955 de Ariano Suassuna, com elementos de O Santo e a Porca e Torturas de um Coração, ambas do mesmo autor, e influências do clássico de Giovanni Boccaccio Decameron.



O CAMINHO DAS NUVENS

É um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Vicente Amorim. Foi produzido por Bruno Barreto e Ângelo Gastal; a trilha sonora é de André Abujamra. O filme é baseado em um fato real, na história de Cícero Ferreira Dias, um caminhoneiro desempregado que, junto com sua mulher e seus cinco filhos, pedalou desde Santa Rita, na Paraíba, até o Bangu, no Rio de Janeiro.



DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

É um filme brasileiro de 1964, do gênero drama, dirigido por Glauber Rocha. Considerado um marco do cinema novo, foi gravado em Monte Santo, Bahia.[1] Em novembro de 2015 o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

2

PESQUISA

2.1 *livro ilustrado*

2.2 *O Nordeste*

3.3 *Regionalismos*

14

*“As pessoas dizem: Os livros hoje em dia são ilustrados”, isso mostra um total desconhecimento da história do livro. No Brasil o livro foi muito ilustrado na década de 50. Calibé, Calazns Neto, Santa Rosa, Paulinho Werneck. Uma época em que não tinha muita separação entre artes plásticas, artes gráficas, desenho e arte. (ROGER MELLO REVELA SUAS INFLUÊNCIAS. Grupo Editorial Global. **Youtube**. 26 de mar de 2014. 06min42s. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Pxa8ncjK6Ec&t=0s&list=PLEH8C2YVdpXeeund_q9pHtLTYCRI1bpfc&index=26> Acesso em: 14 jul. 2018.)*

2.1 O LIVRO ILUSTRADO

Antes de definirmos o que caracteriza um livro ilustrado que no Brasil é conhecido como de livro-imagem, devemos dizer sobre sua origem. Para a introdução, tomei como base o artigo do autor e ilustrador Salmo Dansa que começa falando da produção ocidental de livros.

Ehon - e, "imagem", hon, "livro" palavra japonesa, que significa livro de imagem. Eles começaram a ser produzidos no século VIII e até o final do século XIX eram feitos manualmente. Hoje esse tipo de livro é conhecido como picture books.

15



A origem ocidental da ilustração de livros se deu na Idade Média.

Albrecht Durer é o nome de destaque pois contribuiu grandemente para a evolução do que conhecemos hoje como livro ilustrado. **O Apocalipse**, de 1498, um livro sagrado ilustrado por ele, todo em xilogravura, inaugurou uma nova dimensão de representação desses tipos de livros que até então diziam que era impossível convertê-los em imagens.

“A invenção da impressão com tipos móveis, no meio do século XV, que viria a precipitar uma revolução, aconteceu graças a dois importantes desenvolvimentos técnicos que tiveram origem dois ou três séculos antes: o crescimento da indústria manufatureira de papel, que assegurou o suprimento de papéis com a qualidade necessária, e a produção de novas tintas com a consistência apropriada para o uso em tipos e matrizes xilográficas, que eram naquele momento o principal modo de reproduzir ilustrações.”

16

A xilogravura provavelmente antecedeu a produção de tipos móveis. Depois de 1450, imagens e textos eram impressos na mesma página, ou melhor a ilustração e o texto eram entalhados no mesmo bloco de madeira, os chamados **block books**, melhor representado pela *Bíblia Pauperum (Bíblia dos Pobres)*.

Antes de ir ao assunto principal da pesquisa, recorrendo ao artigo que me baseei para a pesquisa, o autor, Salmo Dansa fala sobre o começo da ilustração para crianças e ressalta importantes livros que deram início a esta jornada.

Fábulas de Esopo, Kunst und Lehrbüchlein que segundo o autor seria o primeiro livro de imagem para crianças e **Orbis Sensualium Pictus**.



Albrecht Pfister

Bíblia Pauperum



Willian Caxton

Fábulas de Esopo

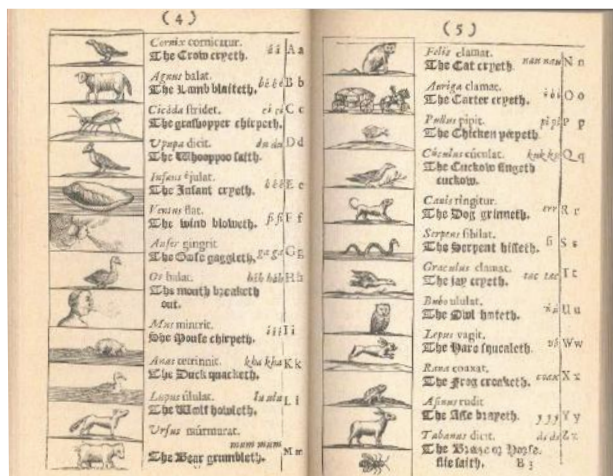
17



Jost Amman

Kunst und Lehrbüchlein

Uma das Ilustrações do livro



Johann Amos Comênio

Orbis Sensualium Pictus, (1658)

A maneira atual ao qual construímos o discurso no nosso suporte que se dá pela sequência de páginas viradas é chamado de códex. Antes disso usava-se outro formato, chamado volumen (rolo) muito usado no período romano.

O livro ilustrado ou livro-imagem no Brasil, é um suporte para narrativa visual com predominância de imagens, podendo ou não conter texto. Segundo Sophie Van der Linden, podemos dizer que:

“O livro ilustrado seria assim uma forma de expressão que traz uma interação de textos (que podem ser subjacentes) e imagens (especialmente preponderantes) no âmbito de um suporte, caracterizada por uma livre organização da página dupla, pela diversidade de produções materiais e por um encadeamento fluido e coerente de página para página.”

(VAN DER LINDEN, 2011, p 87).

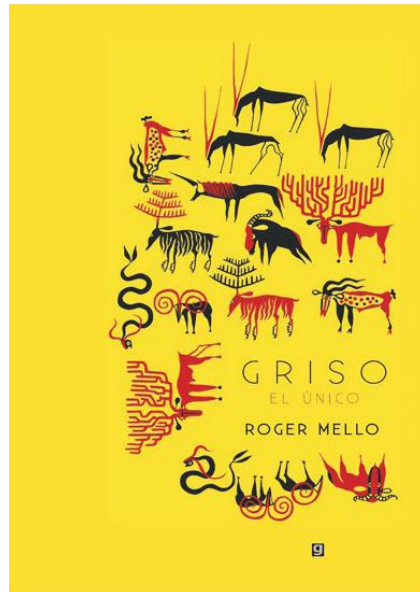
Em seguida alguns outros tipos de livros que se assemelham ao objeto principal de estudo:

São obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações, o texto ocupa um espaço considerável na página que serve como ponto de entrada para a história.



Em geral, o formato é característico do romance, a narrativa é sequenciada em capítulos curtos, sendo direcionado especificamente aos leitores em processo. Este tipo de livro pode se assemelhar aos livros ilustrados pelas vinhetas e pequenas imagens emolduradas junto do texto.

2. Pesquisa | Livro Ilustrado

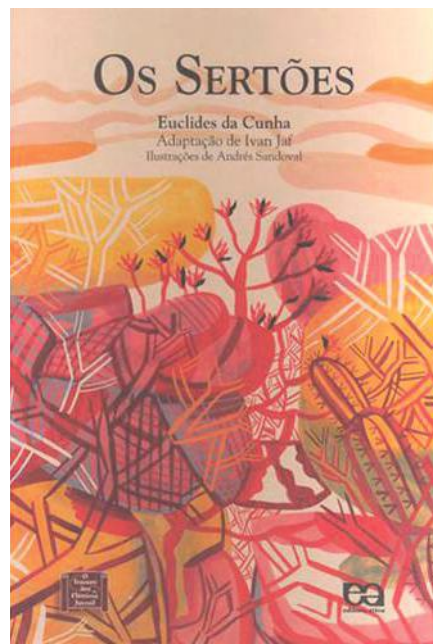


Capa



Página dupla | Roger Mello (ils).

Griso, O Único



Capa

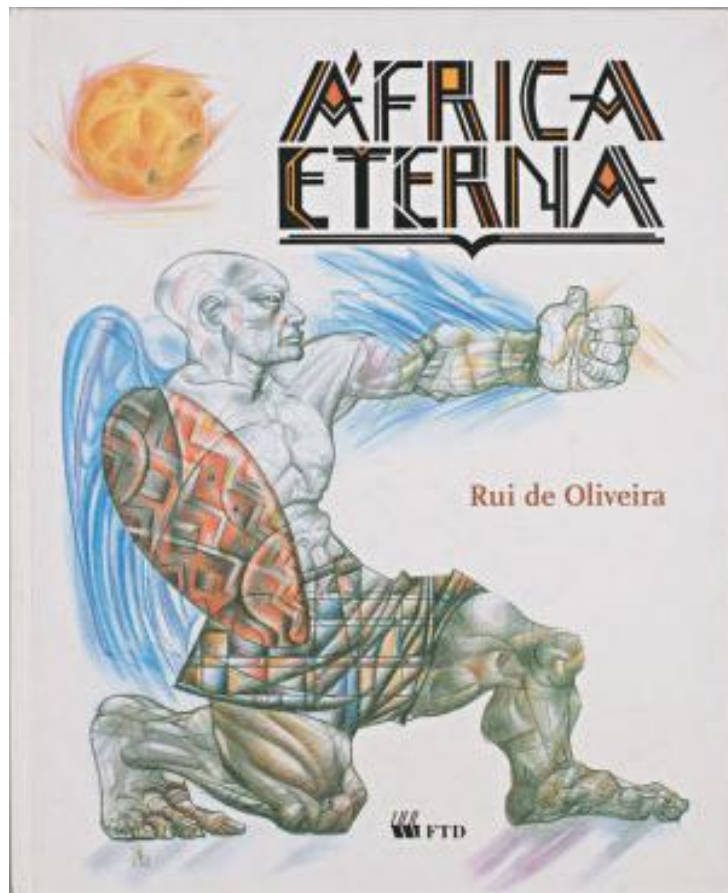


Página dupla | Euclides da Cunha • Andrés Sandoval (ils).

Os sertões

LIVRO-IMAGEM

2. Pesquisa | Livro Ilustrado



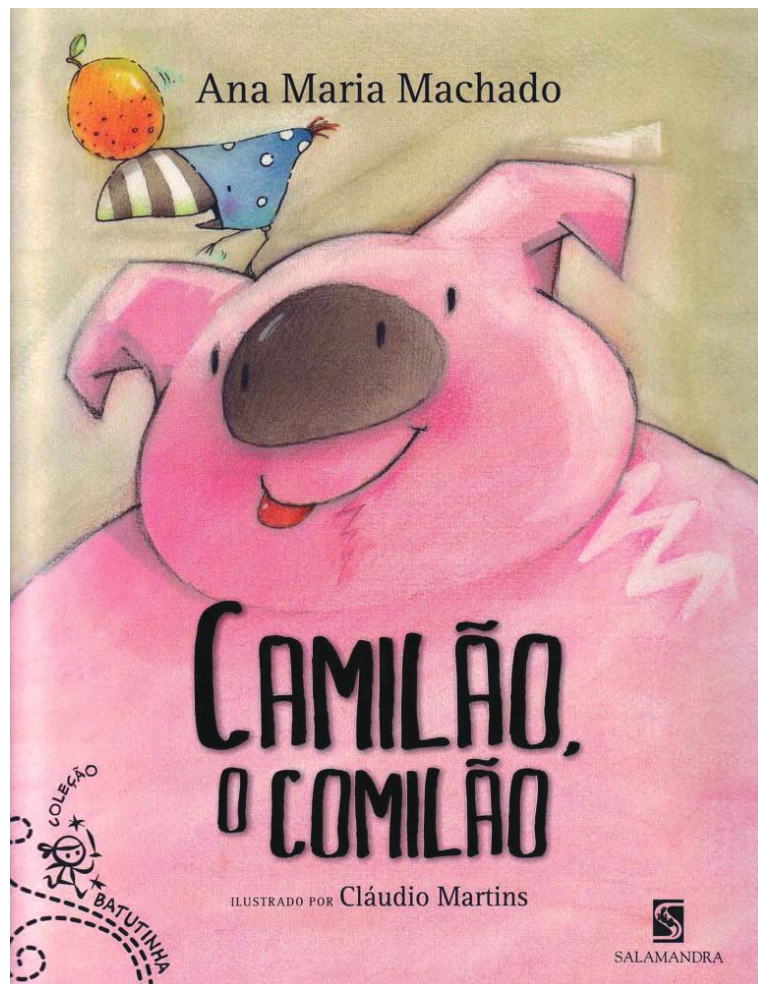
Capa



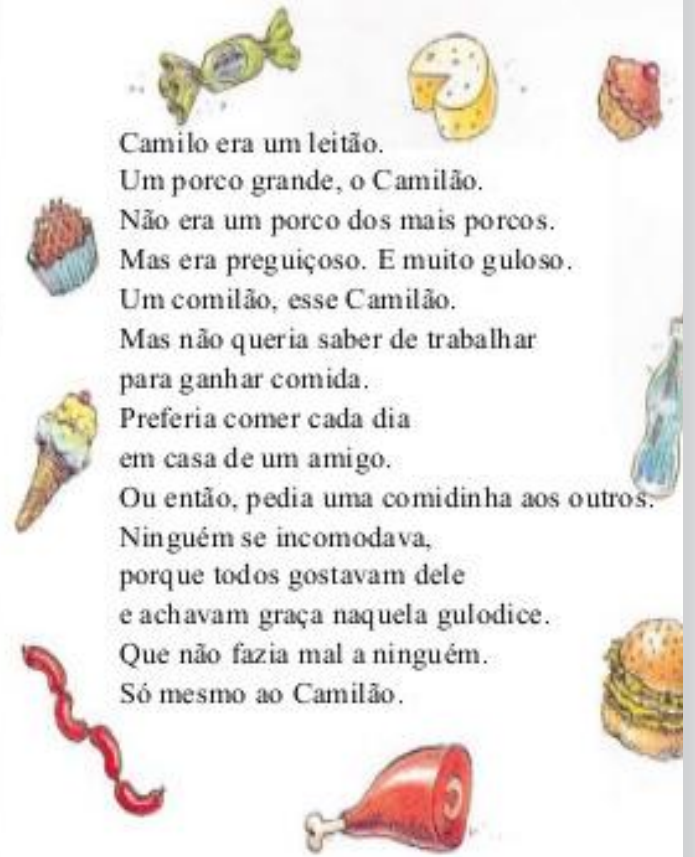
Página dupla | Rui de Oliveira (ils).

África Eterna, 2010

2. Pesquisa | Livro Ilustrado



Capa



Camilo era um leitão.
Um porco grande, o Camilão.
Não era um porco dos mais porcos.
Mas era preguiçoso. E muito guloso.
Um comilão, esse Camilão.
Mas não queria saber de trabalhar
para ganhar comida.
Preferia comer cada dia
em casa de um amigo.
Ou então, pedia uma comidinha aos outros.
Ninguém se incomodava,
porque todos gostavam dele
e achavam graça naquela gulodice.
Que não fazia mal a ninguém.
Só mesmo ao Camilão.

Página dupla | Cláudio Martins (ils).

Camilao, o comilão, 2011

2. Pesquisa | Livro Ilustrado

Pouca coisa mudou na estrutura básica do livro desde os códices até os nossos dias, disse Rui de Oliveira, como: as tintas, os métodos de impressão. Porém a relação do leitor com o livro continua a mesma.

É nessa linha que seguimos nossa pesquisa, a relação entre texto e imagem, o trabalho do ilustrador em solucionar os espaços de forma harmoniosa. Sem dúvidas o autor sabe do que está falando e quando se trata de contar histórias através de imagens ele diz:

Contar histórias através de imagens é comungar, compartilhar um variado repertório rítmico com a finalidade de elaborar as relações entre o pequeno e o grande, o reto e o curvilíneo, a verticalidade e a horizontalidade, os espaços ocupados e os espaços vazios etc. (OLIVEIRA, 2008 p 57)

26

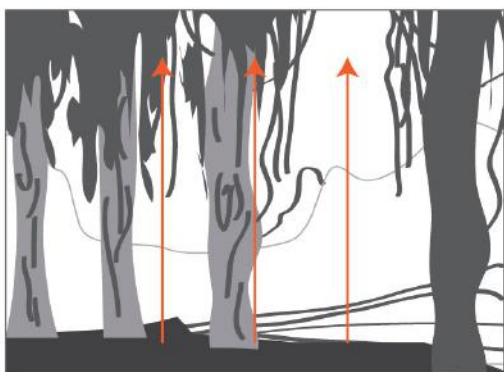
Sabendo da importância dos elementos rítmicos na estruturação gráfica de um livro, entendemos que para lermos uma boa ilustração ou chamar a atenção do leitor é preciso também descobrir os elementos opostos que a constituem, como disse Rui de Oliveira. (OLIVEIRA, 2008 p 59)

O ilustrador provém de diversas possibilidades para construção da imagem e organização das formas. Sobre isso o autor fala que a composição coordena e organiza o mosaico de detalhes que o artista elabora.

A seguir, algumas características básicas da composição na ilustração, tiradas do livro Pelos Jardim Boboli.

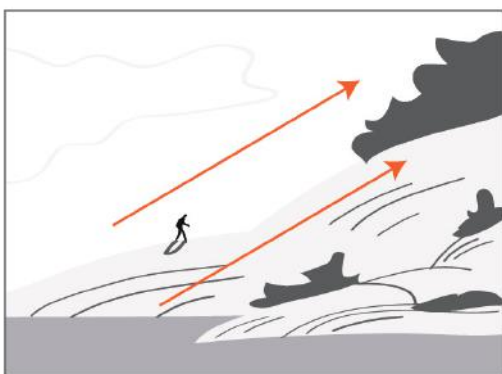


As formas estruturais dispostas basicamente por meio de linhas horizontais criam na ilustração uma sensação de paz, repouso, tranquilidade e estabilidade.

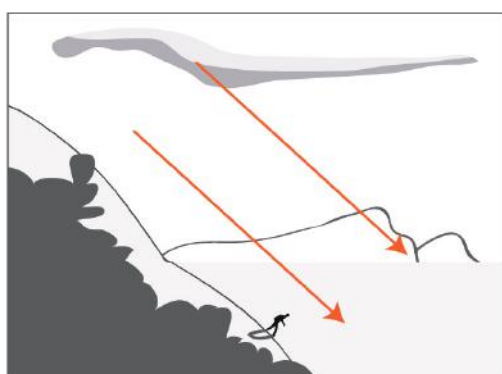


Um esquema compositivo utilizando predominantemente linhas verticais impregnará a ilustração de uma atmosfera espiritualizada. Personagens e objetos são tomados de uma atmosfera ascensional, bem como de leveza e

27



A estrutura compositiva em diagonal, por exemplo, do canto inferior esquerdo da ilustração em direção ao canto superior direito, faz com que todos os elementos nessa narrativa pareçam estar subindo, levantando vôo, uma sensação de escalar uma ladeira ou um morro imaginário.



Se porventura a ossatura compositiva estiver direcionada do canto esquerdo superior em direção ao canto inferior, a sensação que temos é a de que tudo está desabando, os elementos parecem cair.

O LIVRO COMO OBJETO

Uma das particularidades que me chama atenção, e uma das razões pela qual escolhi o meu objeto de estudo é a importância que o ilustrador tem neste suporte, ainda mais quando ele também é o autor.

Seu nome vem na capa.

Pensar o livro como objeto, nos obriga a olhá-lo como um todo, fazer o uso de todos os recursos visuais a favor da narrativa. Sophie Van de Linder ao falar da materialidade do livro usa um termo para isso, o chamado *paratexto*: os formatos, as capas, guardas, folhas de rosto, páginas do miolo.

O formato

A partir da definição do formato do livro, que é primordial, poderemos desenvolver todo o conjunto que forma o suporte, há uma grande variedade de tamanhos o que influenciará no resultado final e até na produção gráfica.

Capa

Dependendo dos códigos visuais usados, a capa que é constituída pela primeira e quarta capas podem gerar um entendimento ou alguma pista de qual assunto se trata, devido ao primeiro contato entre o leitor e o objeto.

Título

A composição tipográfica do título, pode fornecer ao leitor uma expectativa em relação ao todo, neste caso o livro. *Robert Bringhurst* diz: “a tipografia existe para honrar seu conteúdo”, ou seja, ela carrega junto consigo toda uma carga de significado.

Guardas

Esses espaços apesar de terem uma função neutra no suporte do livro, podem também serem usadas a favor da narrativa.

29

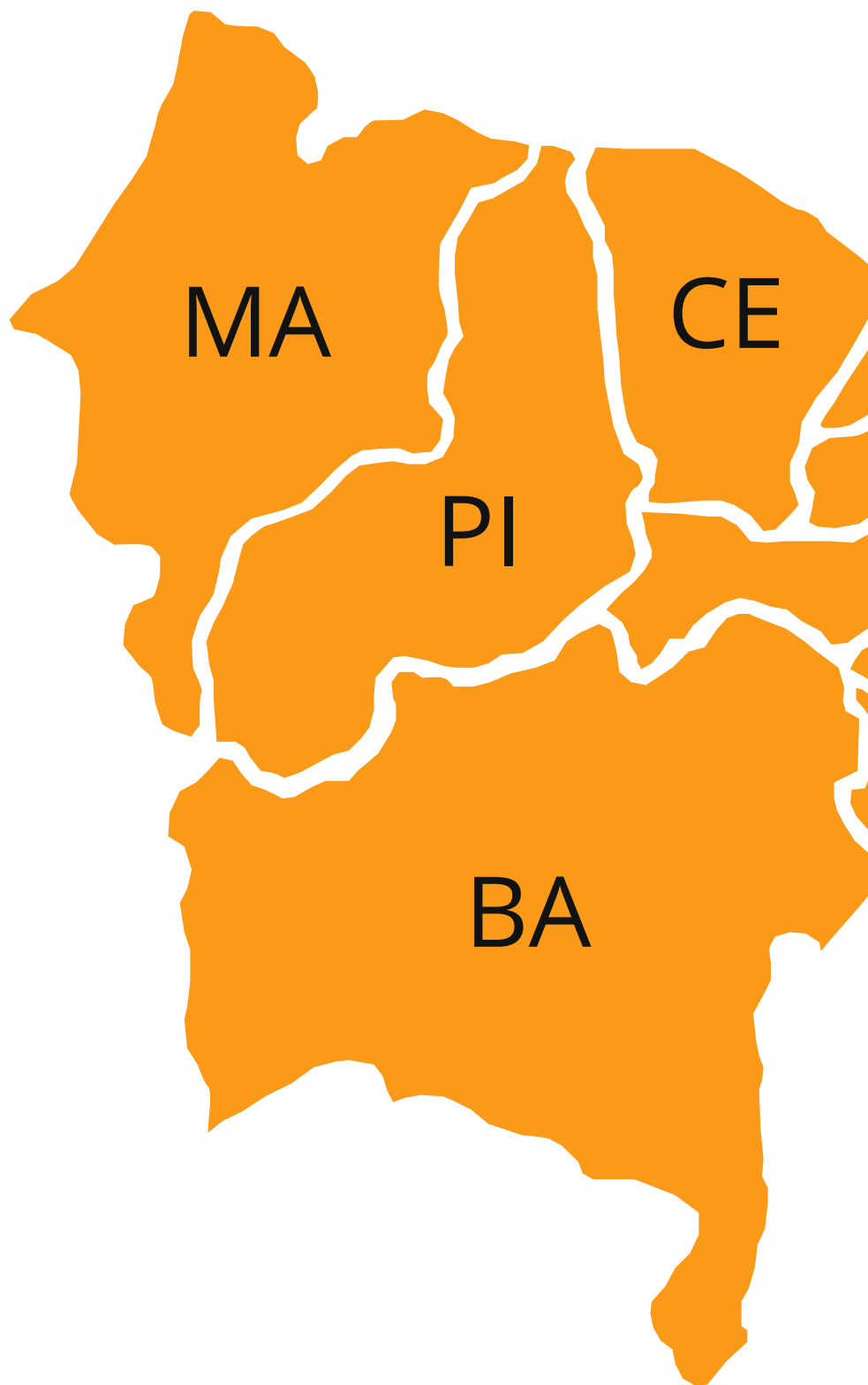
Folhas de Rosto

Em geral, as folhas de rosto trazem indicações do título, nome do autor e ilustrador e da editora, acompanhados de uma imagem emoldurada que retoma o detalhe de uma imagem interna, podendo ser usada para reforçar uma ideia.

2.2 NORDESTE

ESTADOS QUE FAZEM PARTE DA REGIÃO DO NORDESTE

- AL** Alagoas
- BA** Bahia
- CE** Ceará
- MA** Maranhão
- PB** Paraíba
- PE** Pernambuco
- PI** Piauí
- RN** Rio Grande do Norte
- SE** Sergipe





O “Dicionário do Nordeste” de autoria de Fred Navarro e o livro “Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil”, disponível no site do IBGE, foram usados como referências para a pesquisa.

O Brasil é um arquipélago formado por linhas históricas, o que se reflete no plano sociocultural e linguístico.

Reverendo este aspecto, a língua portuguesa trazida pelos colonizadores foi-se propagando em ondas de ação lenta e eficiente sobre os falares indígenas, a partir de núcleos fundamentais, entre os quais Pernambuco e Bahia, os mais antigos polos irradiadores e fixadores desta língua europeia na terra do pau-brasil. Formou, assim, dessa língua transplantada nos primórdios da colonização, a base do dialeto nordestino que leva o seu povo a falar diferente do resto do país (NAVARRO Fred, 2004).

Migração nordestina

Como morador de uma comunidade carioca, percebi ao longo do tempo uma grande quantidade de pessoas oriundas de estados nordestinos, no livro Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil, os autores apontam algumas pesquisas que direcionam para uma possível resposta a minha observação.

Os deslocamentos de população no Brasil tiveram um período intenso, que foi marcado pelos anos 1960-1980, quando grandes volumes de migrantes se deslocaram do campo para a cidade, delineando um processo de intensificação da urbanização e caracterizando áreas de expulsão ou emigração: Região Nordeste e os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e áreas de atração ou forte imigração populacional - núcleo industrial, formadas pelos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (ERVATTI, 2003).

32

Através da análise dos movimentos migratórios observou-se uma tendência dessas correntes migratórias ao longo do tempo, isto se deu através do censo demográfico 2000 e da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios), realizada em 2004 e 2009.

O livro nos mostra algumas mudanças do fluxo de migrantes que ocorreram durante os anos, como a diminuição da tendência migratória do Nordeste para o Sudeste de 2000-2010 que chegou a envolver

3,3 milhões de pessoas no censo 2000, e caiu para 2 milhões no último quinquênio 2004/2009. O Nordeste apresentou uma perda absoluta de 760 mil pessoas, sendo o sudeste a região que mais teve responsabilidade nisto, cerca de 2/3 desta perda.

Na conclusão do artigo que é onde eu queria chegar o autor diz que: Desta forma, quando levamos em consideração distâncias maiores, como na escala inter-regional, observamos que os fluxos migratórios apresentaram uma tendência de redução nos seus volumes, muito embora a direção dos principais fluxos seja mantida, com as maiores correntes ocorrendo no eixo Nordeste-Sudeste.

2.3 REGIONALISMOS



Açaí

Açaí • s.m. • MA / AM / AP / PA • 1 • Palmeira (Euterpe oleracea) de até 25 m, nativa do Brasil, Colômbia, Equador, Guianas e Venezuela, de palmito valorizado. Outros nomes: açai-branco / açai-do-pará / açazeiro / coqueiro-açaí / guaçai / iuçara / juçara / palmeira-açaí / palmeira-jiçara / palmito / piná / piriá / tucaniei / uaça. DHLP • “Travou do arco e o brandiu. A seta obedeceu-lhe, pregando no tronco do açai a faixa que flutuava ao sopro do vento.” Ubirajara, José de

Alencar • 2 • Fruto roxo-escuro dessa palmeira, de cuja polpa se extrai um sumo espesso muito apreciado; amassado com açúcar, farinha-d'água ou tapioca, é um dos alimentos das classes populares no Pará, segundo Diléa Zanotto Manfio, no glossário de Macunaíma, de Mario de Andrade • Açaí, guardiã, / zum de besouro, um imã, / branca é a tez da manhã. " "Açaí, Djavan • 3 • Refresco ou o suco desse fruto. • [origem: tupi 'iwasa'i' (fruto que chora, que deita água)] • v. bacuri / chibé.



Lapinha

• 1 • Dança do *pastoril* pura, sem referências externas aos temas natalinos • 2 • Presépio montado entre a véspera do natal (24 de dezembro) e o dia de Reis (6 de janeiro). NDEA

• Arco feito de plantas e matos (bambus, papoulas), de altura e largura de uma porta, colocado no lugar onde se apresenta o *pastoril* e que representa a porta da manjedoura; as *pastorinhas* se apresentam nesse local, como se Jesus estivesse lá dentro; uma das pernas do arco é enfeitada com flores e fitas azuis, e a outra com flores e fitas encarnadas (representando os dois cordões do *pastoril*); na noite de 5 de janeiro, véspera do dia de Reis, a lapinha, que não é o presépio, mas o simboliza, é queimada, marcando o fim do

ciclo natalino e o início do período das festas carnavalescas.

• “Os presépios foram armados em Portugal desde 1391, quando as freiras do salvador, em Lisboa, fizeram o primeiro.

(...)Lapa, lapinha, é sinônimo tradicional de presépio. (...) No Natal de 1584 foram os presépios trazidos pelos jesuítas para

o Rio de Janeiro. ” DDFB • “(...) oi lá vai os Três Rei Mago / oi

lá vai os Três Rei Mago / cum a istrêla de guia / cum a istrêla

de guia / visitano na capela / vistiano na lapinha / o Mínino

qui nascia / o Minino qui nascia.” *Noite de santo reis*, Elomar •

“ Então, os benditos religiosos dentro de casa ante a lapinha

eram cantados. ”*Calderão: a guerra dos beatos*, Claudio Aguiar

• 3 • Armação, aprontação, *badaronha*, armadilha. • “Então

Vanda contou que viera para o trair, a talante do prefeito mais

seu conluiado Ararigbóia Delecródio. Desistira dessa lapinha

durante a noite...”*A santa do cabaré*, Moacir Japiassu.



Papagaio

s.m. • N.E / N. • Pipa, navio, raia, pandorga. • “Ainda parado no batente da porta, continuou a olhar a rua alastrada de sol, onde só havia um menino, debaixo da canícula, a empinar um papagaio.” Os tambores de São Luis, Josué Montello • “(...) Aqui estou, nesta várzea, reduzido a professor de meninos: / Hoje vivo ensinando a empinar papagaios...” *Congresso dos ventos*, Joaquim Cardozo • “(...) queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço.” *Dois irmãos*, Milton Hatoum • “Descoberta da rua! Os vendedores a domicílio. / Ao mundo dos papagaios de papel, dos piões, da amarelinha! / Uma noite a menina me tirou da

roda de coelho-sai, / me levou, imperiosa e ofegante, / para
desvão da casa de Dona Aninha Viegas, / levantou a saíha
e disse: mete." *Infância*, Manuel Bandeira • [origem: árabe
'babaca'] • v. citações em bodoque / cerol / índio.



Cacuriá

O Cacuriá é uma das Danças Populares brasileiras de roda, animada por instrumentos de percussão, que surgiu nos festejos do Divino Espírito Santo no Maranhão no início da década de 1970. O Cacuriá agrega vários outros ritmos e festas da região como A Dança do Carimbó, o Bumba meu boi, os ritmos das caixas da Festa do Divino Espírito Santo e as festividades juninas. Esta dança típica representa parte do folclore da região do Maranhão, aparece durante a Festa do Divino Espírito Santo na tradição junina.



Mangue

• s.m. • N.E. • 1 • Fato ou ação confusa, barulhenta, enrolada: não se meta, o mangue já está muito grande. • 2 • Para os integrantes do movimento *manguebeat*, equivale a diversidade de culturas, terreno fértil para um sem-número de formas de vida.



Jerimu

• s.m. • jerimum • N.E. / N. • 1 • Abóbora, fruto da abóboreira, em especial o da variedade abóbora-menina (*Cucurbita maxima*), com polpa comestível, geralmente de um tom entre o alaranjado e o vermelho, e os das variedades abóbora-chila (*C. ficifolia*) e abóbora-cheirosa (*C. moschata*); as sementes são comestíveis, frequentemente nassadas e salgadas. • “(...) fazendo vinagre / - naquele quarto onde dormia / toda a família e / se vendiam quiabo e jerimum - (...)” Poema sujo, Ferreira Gullar • “São doutor Lula, os porcos do Coronel comeram pra amanhecer hoje o roçado de jerimuns / passei fogo nos bichos que deixei o campo coalhado.”

Calunga, Jorge de Lima • Mestre Ambrósio menciona: “Desses dois que ficaram / um foi roubar jerimum / deu no tango, deu no mango / desses dois só ficou um.” *Usina - tango no mango*, Chico Antônio / Paulírio • “Depois, linguiça e vaca, jerimum com leite, coalhada escorrida e requeijão (...).” *Dona Guidinha do Poço*, Manuel de Oliveira Paiva • Ivanildo Vilanova e Oliveira de Pannels mencionam: “Eu também já tô cansado / de lembrar os numerais, / já cantei não quero mais, / vou voltar pro meu roçado, / quero o céu todo estrelado, / uma caneca de rum, / farofa de jerimum / e a chuva sobre o meu zinco, / oito, sete, seis e cinco, / três e quatro, e dois e um.” *Quebra cabeça é assim*, José Paulo Cavalcanti Filho • v. citação em *mal-assada* • 2 • Aboboreira, jerimunzeiro, pé de jerimum. • 3 • Abóbora-moranga (C.pepo). • [origem: tupi ‘yuru’mu’] • v. *abobrada / alamambica / farofa de jerimum / manteiga de garrafa / papa-jerimum*.



Macaxeira

\êi\ • s.f. • macaxera \ê\ • N.E. / N. • 1 • Arbusto (*Manihot esculenta*) da família das euforbiáceas, nativo da América do Sul, conhecido em todo o país como 'mandioca'; tem folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e também ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam geralmente mais venenosas e frequentemente usadas apenas para a produção de farinha de mandioca, *farinha-d'água* e ração animal. Outros nomes: *castelinha / mandioca-brava / maniva / maniveira*. • 2 • Arbusto (*M. palmata*) da família das euforbáceas, de até 4 m, com folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; nativo do Brasil, é semelhante à mandioca

(*M. esculenta*) e também cultivado, com inúmeras variedades, pelas raízes tuberosas, de elevado teor alimentício e geralmente menos venenosas. outros nomes: aipi / uaipi. DHLP

- 3 • Tubérculos dessas plantas. * O PDNA esclarece: “A massa da mandioca (crua, ralada e lavada) é usada, no Nordeste, na preparação de bolos, substituindo a farinha de trigo. O polvilho (goma) é usado em substituição à farinha de trigo em biscoitos. Não confundir com a farinha de mandioca, que é a mandioca ralada e assada.”
- O DPPB, do paraibano Horácio Almeida, relaciona as quinze espécies mais conhecidas: amazonas, bahia, branca, chapéu-de-couro, manteiga, mulatinha, ouro, pão-do-chile, pé-de-pombo, pipoca, preta, retrós, rósea, sedinha e vinagre.
- “Trabalhou de enxada, plantou macaxeira / desfrutou coqueiros.” O anjo, Jorge de Lima • “ - Ô Maria, hoje nós temos / vinhos da Quinta do Aguirre, / uma queijada de Sintra, / só pra tu te ‘distraíre’ / desse pensamento ruim... / - Seu Manuel, isso é besteira! / Eu prefiro macaxeira / com galinha de oxinxim!”

Oropa, França e Bahia, em “Poemas de Ascenso Ferreira” •

“O leão passou depressa / um telegrama pra trás, / minha comadre elegante / a bandeira e grite paz, / ela não tinha bandeira, / levantou a macaxera / e ali ninguém brigou mais.”

intriga do cachorro e o gato, José Pacheco • [a forma macaxera é usualmente grafada pelos que moram afastados dos centros urbanos] • [origem: tupi ‘maka’sera’] • v. citações e referências em aipi / aluá / bobó/ canji / capiau / com a bexiga / cordel / cuia / engenho / mandioca-brava / manipueira / maniva / nas macaxeiras / tamboeira.



Pau de arara

Pau de arara • N.E. • 1 • s.m. • Originalmente, um pedaço de pau e arara para transportar araras e outras aves; equivale, no interior dos Estados nordestinos, ao caminhão dotado de varas longitudinais na carroceria para servir de apoio e pendurar redes de dormir, utilizado no transporte de *retirantes* entre os Estados da Região, e de lá para o Sudeste. • 2 • s.2g. • Alcunha dos que viajam nesse caminhão. • Elba Ramalho menciona: “Vim da Bahia pro Rio de Janeiro / pra ganhar dinheiro, / desaforo não. / Pau de arara é a vovozinha, / eu só viajo é de avião.” Pau de arara é a vovozinha, Gordurinha • “Mas a poesia é rara e não comove / nem move o pau de arara.” *Homem*

comum, Ferreira Gullar, em “Dentro da noite veloz” • Fagner e Gilberto Gil registram: “A vida aqui só é ruim / quando não chove no chão / mas se chover dá de tudo, / fartura tem porção. / Tomara que chova logo, / tomara, meu Deus, tomara, / só deixo o meu Cariri / no último pau de arara. ” *Último pau de arara*, Venâncio / Corumba / José Guimarães • v. citações em *catabi / malota / matolão / paroara* • 3 • s.2g. • Por derivação de sentido, matuto, caipira, morador do interior. • “nossa cabrita, tão cabita, tão bonita / depois de tanta desdita havia feito uma opção, / se casaria com outra linda cabrita, hah!, / que até bem pouco namorara o meu irmão, / o pau de arara do meu pai o que diria disso / que ela me disse, disso que ela me disse?” *Despedida de solteira*, Gilberto Gil.

3

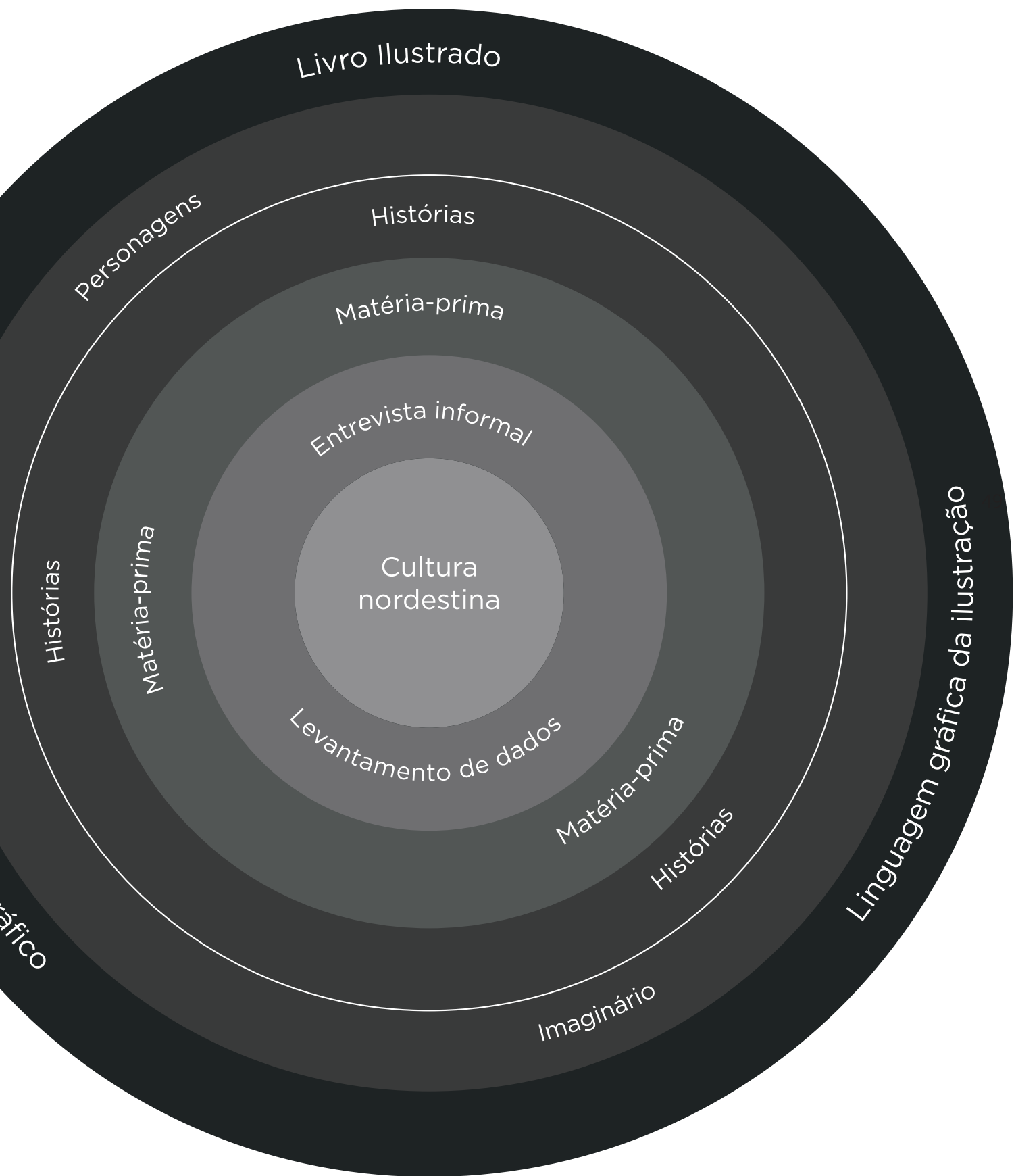
PROCESSO

3.1 *Construção Narrativa*

3.2 *Pesquisa iconográfica*

3.3 *Estudos*

Projeto gl



Livro Ilustrado

Personagens

Histórias

Matéria-prima

Entrevista informal

Cultura
nordestina

Levantamento de dados

Matéria-prima

Histórias

Linguagem gráfica da ilustração

Imaginário

Histórias

Matéria-prima

Gráfico

3.1

CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

A narrativa nasceu primeiramente a partir do desejo de explorar elementos da cultura nordestina, como: Alimentos, brincadeiras, danças, hábitos e etc. Então, o método para o desenvolvimento da narrativa foi entrevistar algumas pessoas que eu conheço da região com a finalidade de transformar esses relatos em um imaginário vivido pela personagem Dora.

50

A história desenvolvida pôde juntar dois universos:

- *Elementos da cultura nordestina e Carioca*

A ideia é mostrar por meio da personagem, o poder do seu imaginário em conduzi-la por paisagens, momentos ou lembranças da época em que morou no Nordeste, dentro de uma realidade em que vive sendo moradora de uma comunidade.

ENREDO DA HISTÓRIA

A história contada fala sobre uma menina nordestina que veio morar no Rio de Janeiro com sua família. Em um de seus sonhos, ela começa lembrar da época em que viveu no Nordeste.

ESTRUTURA DA NARRATIVA

Entrevistas



relatos



memórias



Personagem



A PERSONAGEM

Antes de iniciar o projeto, o meu entendimento sobre a criação de personagens era totalmente visual, neste processo percebi que não se encaixaria nos métodos usados pelos então chamados de character designers, esses profissionais são responsáveis pela concepção de personas de produções cinematográficas da Disney, Dreamworks, Laika e etc..

52

O projeto me ensinou que a narrativa é muito importante para o desdobramento projetual, não que a linguagem gráfica seja menos importante e sim mais palpável. Dora não dependeu só das expertises do desenho, anatomia, pintura...

A personagem foi gerada através da memória das pessoas, ela pode ser qualquer cidadão. Suas características físicas não estereotipadas, a citar seu cabelo azul dão pistas de que a personagem é quase um pretexto para a narrativa ser criada, um reflexo do meu imaginário gráfico.

Minha conclusão é que o meu processo criativo de personagem para livro ilustrado pouco se assemelha ao

processo de criação de personagens de filmes, desenhos animados.. No presente livro, os protagonistas são as suas lembranças, paisagens, brincadeiras, comidas.

3.2 PESQUISA ICONOGRÁFICA

O ponto de partida para o projeto foi fazer uma pesquisa visual, sobre qual linguagem gráfica adotar. Como ilustrador eu acho muito importante sabermos o que está sendo produzido.

No livro *Pelos Jardins boboli*, na introdução livro do mestre Rui de Oliveira, Ana Maria Machado faz uma observação muito interessante a respeito da representação visual gráfica brasileira.

54

Certa vez, ela viajando de trem na Europa entre a Itália e a Alemanha, observava as paisagens, essas que ela conhecia através de livros infantis. Logo entrou em questionamento sobre a dificuldade de nós brasileiros nos reconhecermos na ilustração, pela falta de educação do olhar.

A partir disso, iniciei uma pesquisa da produção principalmente de ilustradores brasileiros e também de estrangeiros. Minhas referências permeiam entre diversos tipos de representação visual, seja pintura, gravura, histórias em quadrinhos, artes gráficas e etc. Abaixo algumas das referências:

Rui de Oliveira, Samico, J. Borges, J. Carlos, Tomás Santa Rosa, nossos grandes pintores, Portinari, Tarsila do Amaral.. Nossos Ilustradores ao qual são referências no meu objeto de estudo: Ziraldo, Roger Mello,

Graça Lima, Ciça Fitpaldi, Mariana Massarani, Odilon Moraes, Andrés Sandoval e Lorenzo Matotti, um grande ilustrador italiano e entre tantos outros que fazem parte da nossa produção de livros.

O meu objetivo não é que o trabalho seja nordestino ou carioca. A ideia aqui é cruzar estes elementos da nossa cultura e criar o meu mosaico, o que torna o livro mais interessante. Como eu já disse, nunca estive no Nordeste, minha pesquisa visual sobre a região, baseou-se em filmes e imagens da internet o que trouxe uma carga autoral ao meu livro.

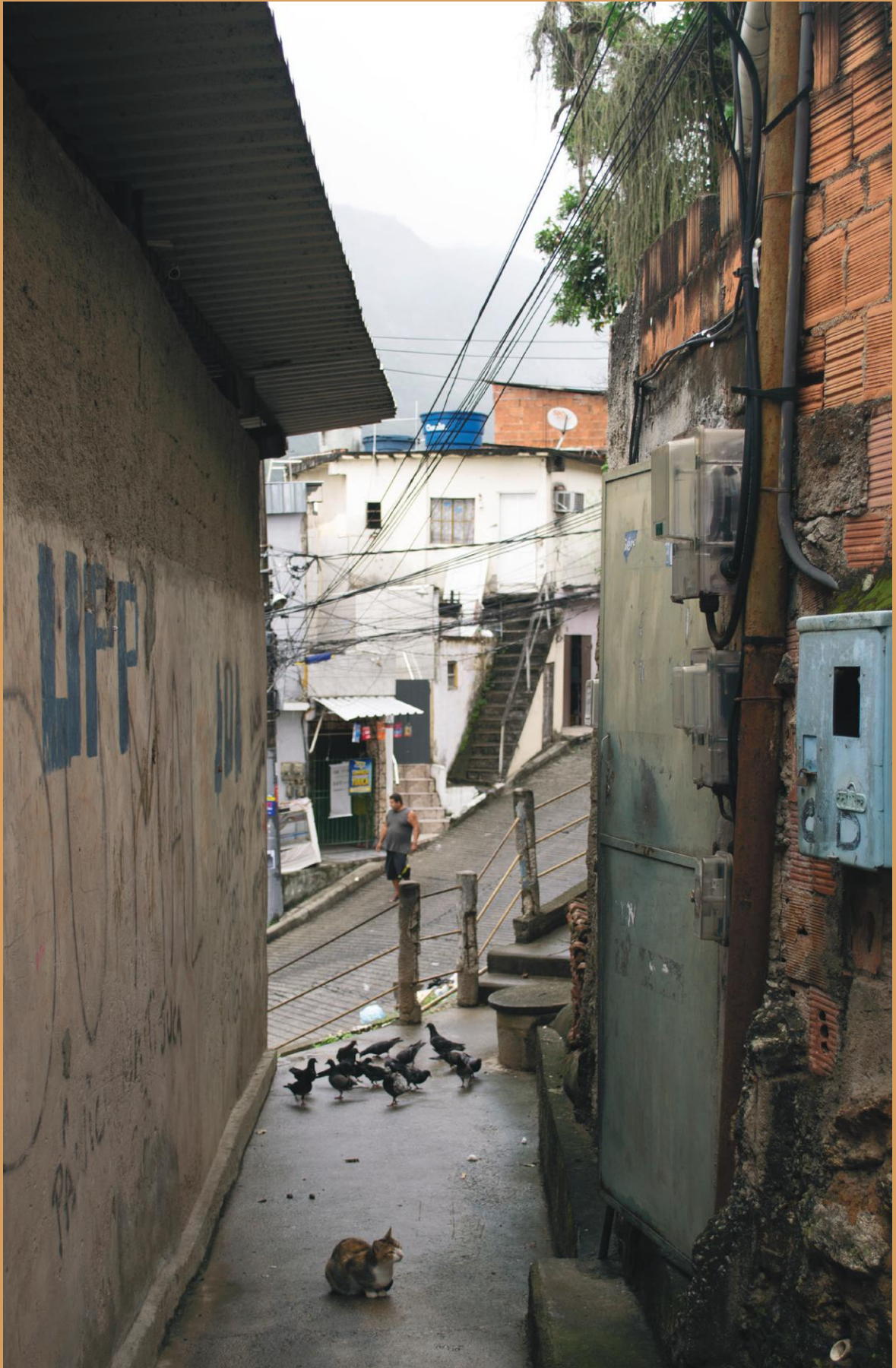
Já a visualidade carioca eu quis mostrar através da comunidade onde atualmente eu vivo. As fotografias da comunidade foram feitas por mim, tentei captar a essência do que eu considero como o meu olhar, o meu modo de enxergar o entorno. Em seguida algumas fotos:











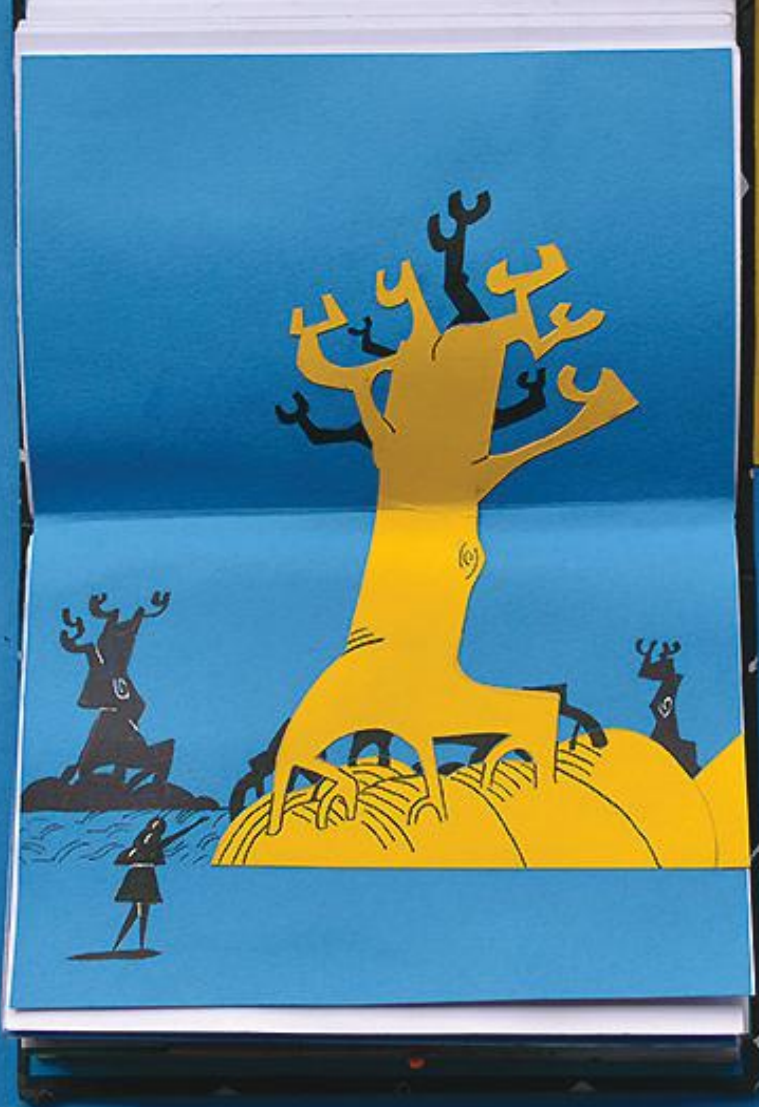


3.3 ESTUDOS

Eu não sei exatamente quando comecei a desenhar, mas desde então a prática tornou-se uma obsessão. Na era das redes sociais, ter um trabalho autoral é importante. Venho usando estas ferramentas como um laboratório mesmo que não físico para experimentação de técnicas, prática do desenho e estímulo, que no final tem sido um aprendizado e tem me dado bastante resultado.

62

Nada se cria do zero, para chegar na linguagem gráfica adotada no livro, realizei um série de pesquisas e estudos, revisitando sketchbooks antigos, conhecendo ilustradores, como Lorenzo Matotti indicado pela Graça Lima, grande ilustradora brasileira.

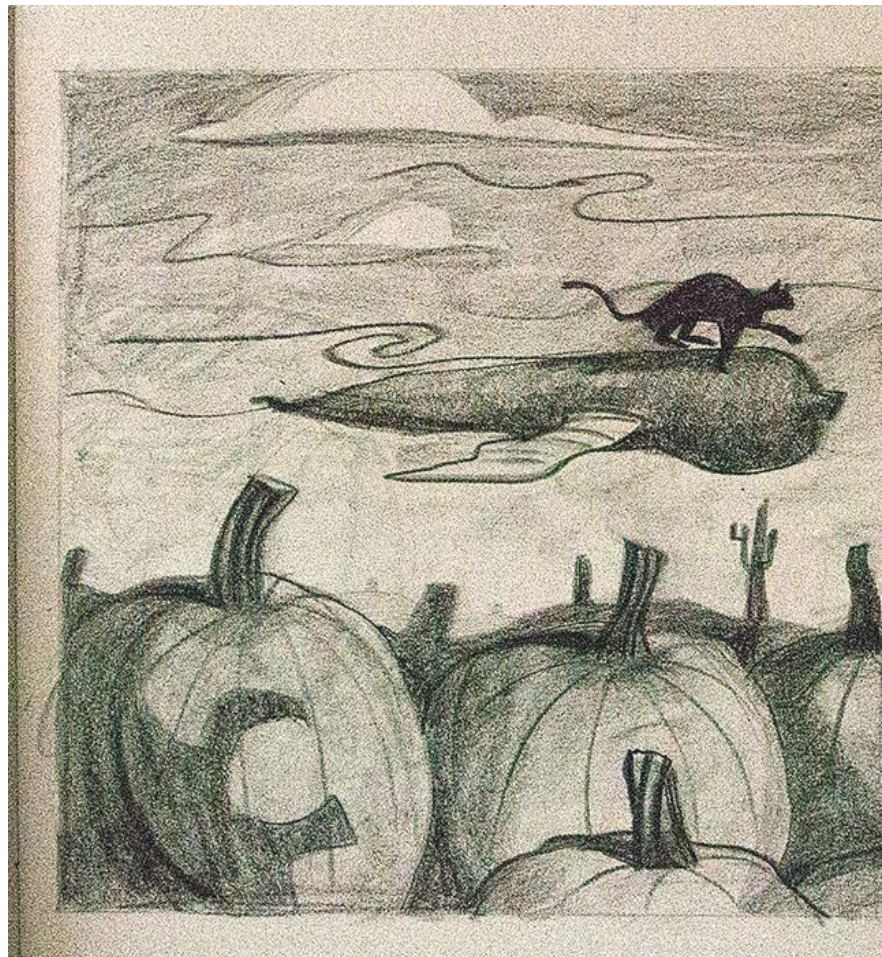
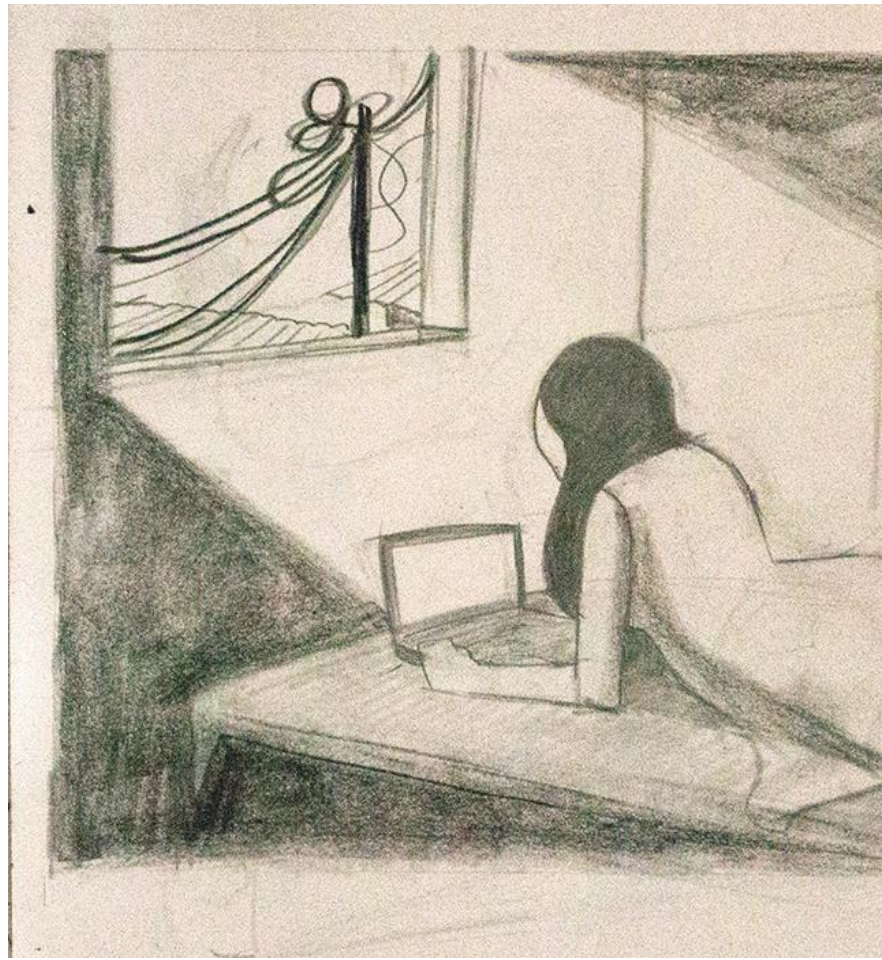


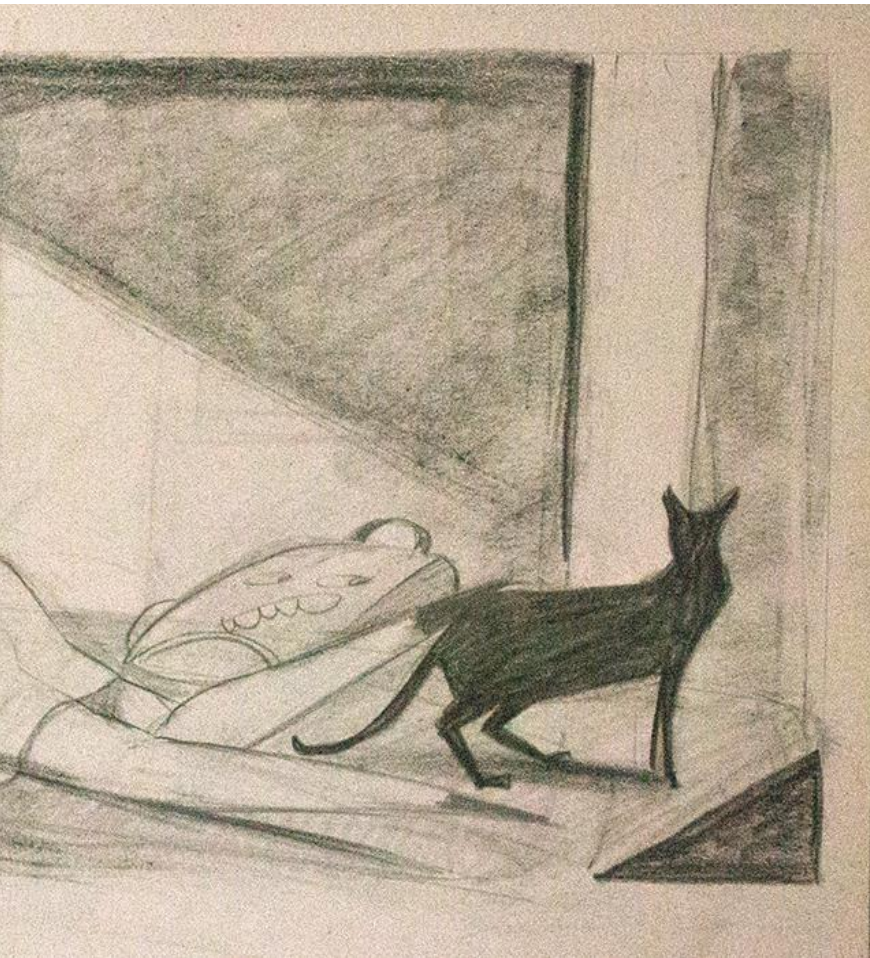


Técnica: recorte de papel, lápis de cor e giz de cera.



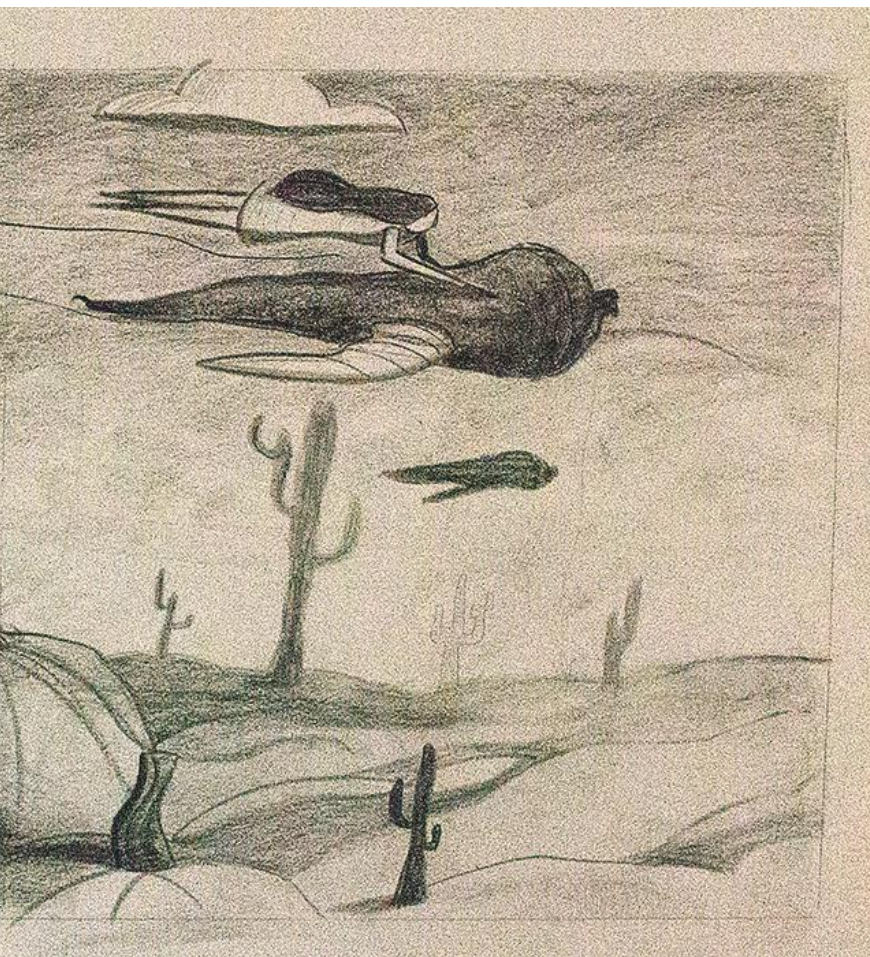
Técnica: lápis de cor e giz de cera.





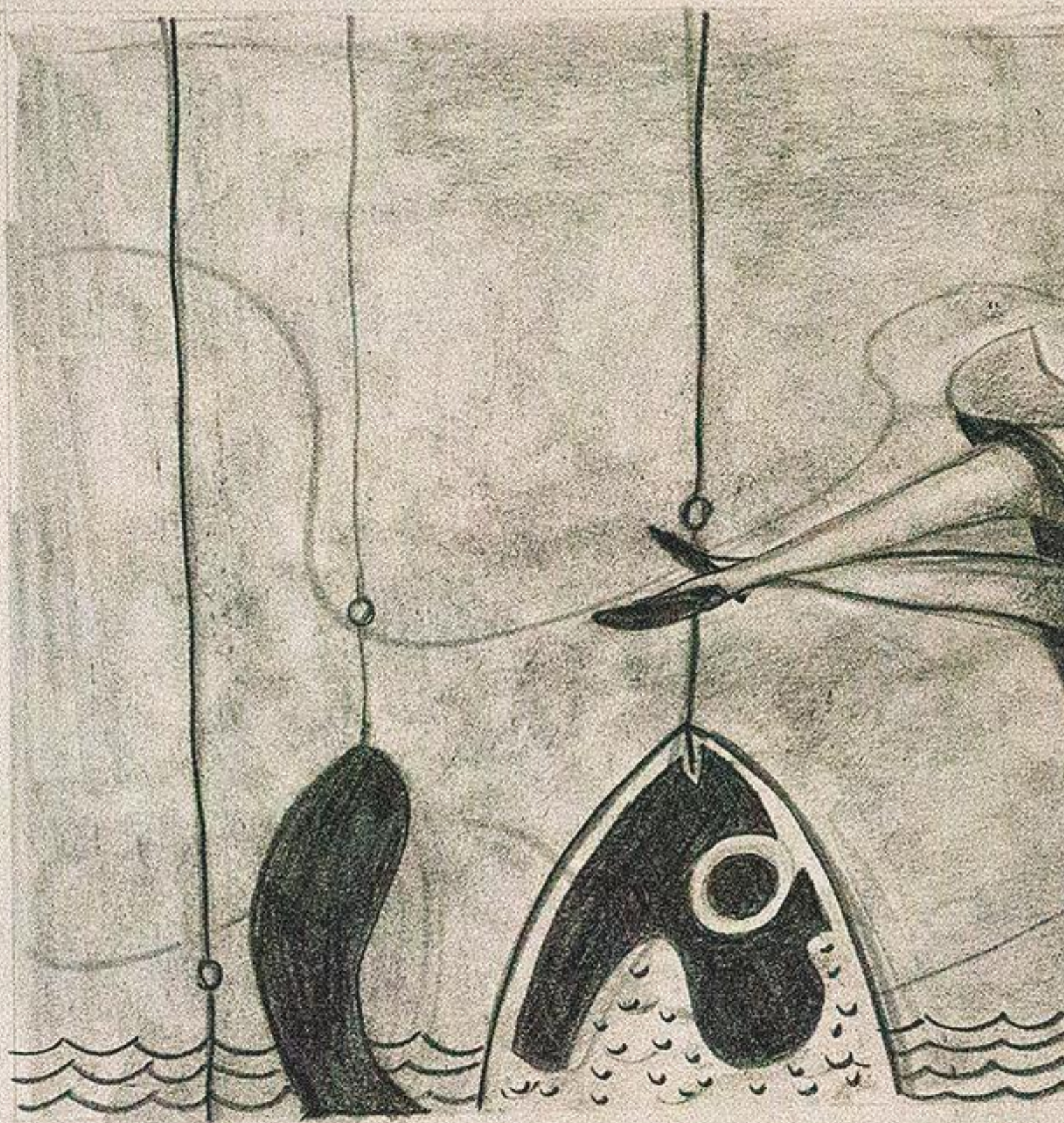
Técnica:

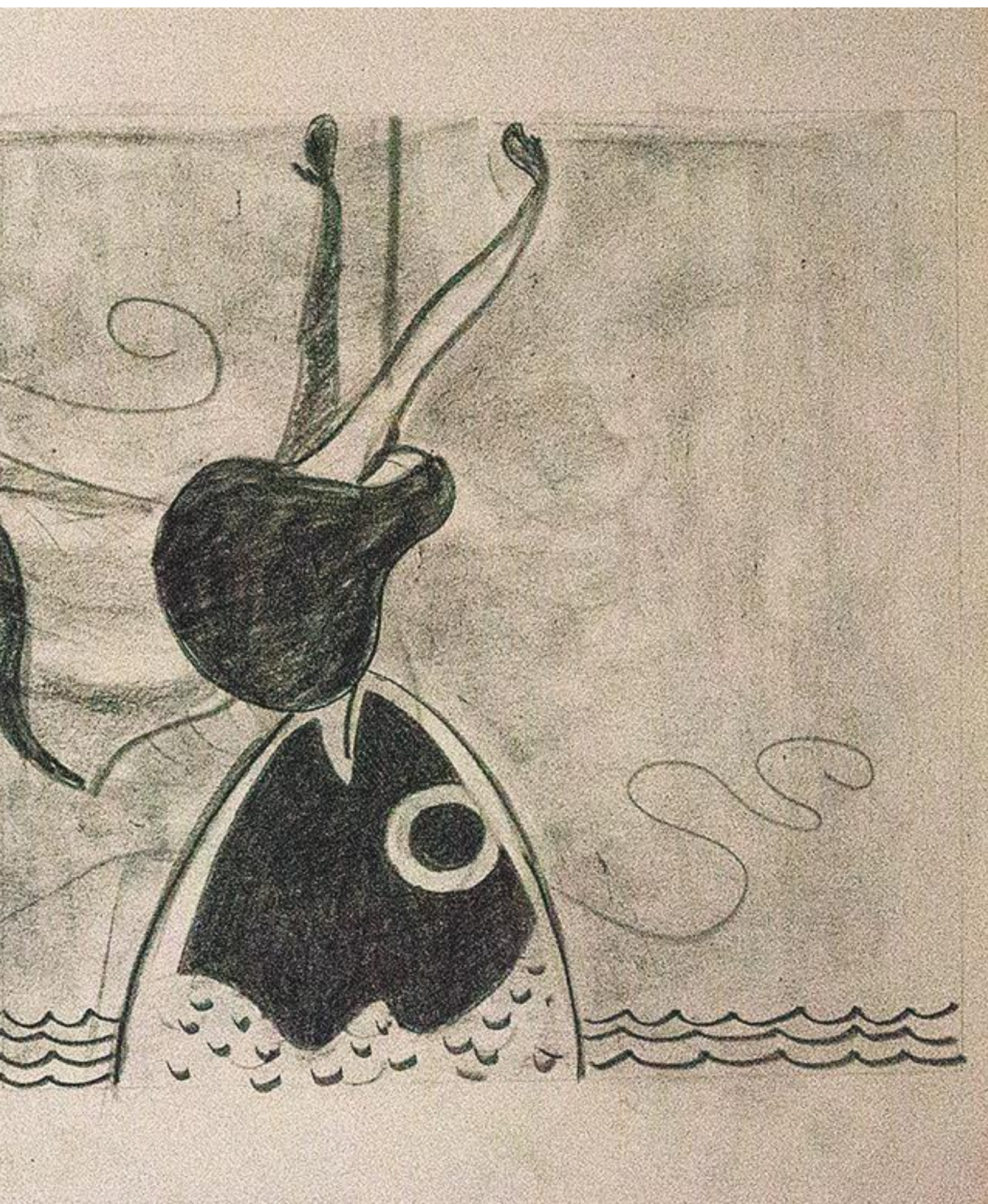
Grafite sobre papel jornal



Técnica:

Grafite sobre papel jornal





3.4 ILUSTRAÇÃO

A linguagem gráfica da ilustração teve inspiração no ilustrador italiano **Loranzo Mattotti**. Como referência, adiquiri o livro Carvanal, ilustrado por ele para entender um pouco de como funcionava a técnica. Em muitos casos é realizada com giz de cera e lápis de cor.

70 O meu procedimento funcionou como um híbrido de técnica tradicional com digital, eu percebi que precisava de algumas áreas com chapados de cor, o melhor artifício foi usar a cor digital o que deixou o projeto com uma característica distinta.

Fatores importantes na execução das ilustrações:

O tratamento das imagens, recorte digital das ilustrações, o cuidado com a resolução e calibragem de cor foram imprescindíveis para a arte final.

Materiais usados:

Giz de cera Neo Color I - Caran d'ache

Lápis de cor Polychromos - Faber-Castel

Solvente Terebentina para diluir o giz de cera e Pinceis.



Página dupla | Lorenzo Mattotti (ils).

Carnaval, 2006



Em uma cidade do Nordeste, existia uma menina chamada Dora!

PROJETO GRÁFICO/PRODUÇÃO GRÁFICA

4

4.1 Espelho; acabamento; capa; contra-capa; folha de rosto; guardas; papel; tipografia; paleta de cores;

4.2 título da edição/logotipo;

72

“No Livro ilustrado, tudo o que cerca as páginas em que se apresentam a narrativa ou expressão como tal depende muitas vezes da criação do ilustrador, e não só dos editores ou designers, como acontece, por exemplo, no romance. Por essa perspectiva, os formatos, as capas, guardas, folhas de rosto e páginas do miolo devem na maioria das vezes ser vistas como um conjunto coerente.” (VAN DER LINDEN, 2011, p 51).

O processo de criação é muito individual, neste caso não separei a fase de produção das ilustrações e do projeto gráfico. Para uma melhor unidade adotei uma linguagem gráfica, grafismos dos regionalismos, composição cromática e aproveitei todos esses recursos na criação dos paratextos.

4.1

ESPELHO DO LIVRO

O espelho do livro serviu de apoio para organização das páginas e do projeto num todo.

Falso rosto					
	Título	Em uma cidade..	Ela veio do N.E	Bairro da tijuca	
Favela		Favela	Sonho	Mangue	
Lapinha		Cacuriá	Comidas	Três pecados	
Papagaio		Encerramento	Glossário	Cólofon	



DORA
UMA MENINA NORDESTINA

© by Galuz Brasileira
Tudo os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 12.2.2001. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa autorização do editor.

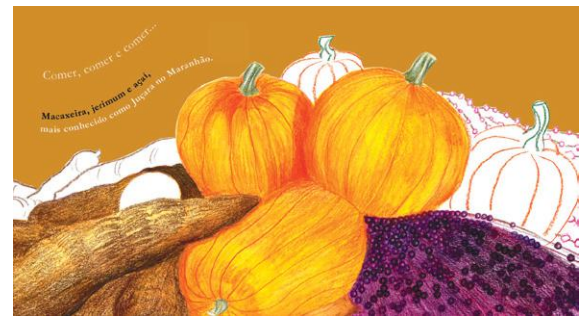
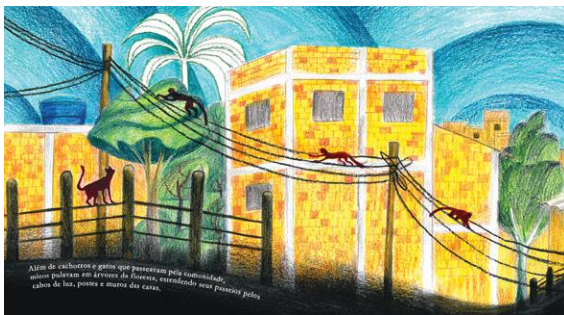
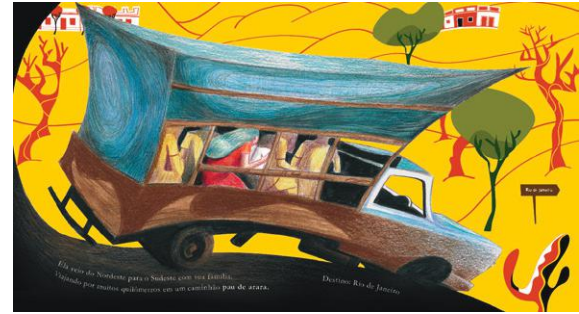
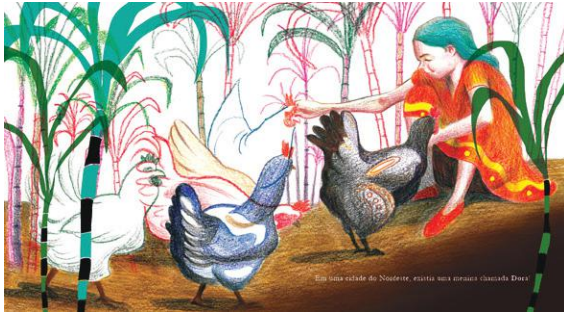
Este livro foi escrito segundo o modelo contemplado na Lei nº 13.966, de 1999, em vigor em abril de 2010.

Editora
Grupo e grupo gráfico Galuz Brasileira
Diagramação Galuz Brasileira
Edição de texto
Tiragem
Tratamento de imagens Galuz Brasileira
Branco

LOREN SPINIM DIAS DE
LUIZ CARLOS FERREIRA ASSIS-
COSTA S&A
Cada livro sempre traz um an-
exo exclusivo de conteúdo inédito.

Este trabalho, apesar de ter sido
realizado, não possui nenhuma
relação com o conteúdo do livro.
ISBN 980-00-00000-0-0
O conteúdo não é uma opinião.
Cada momento que temos!

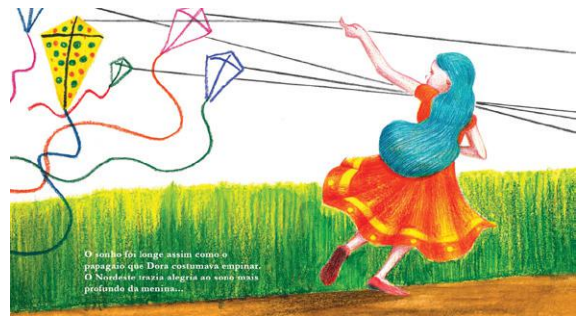
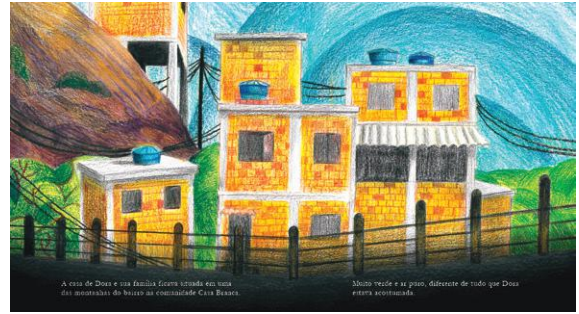
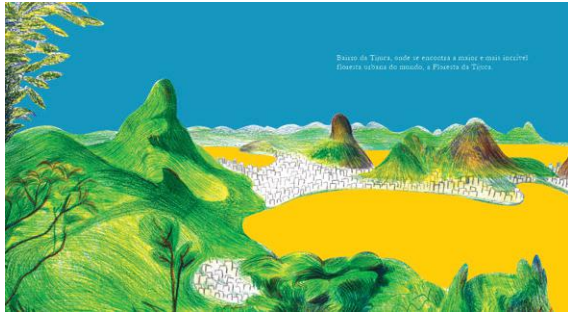
COBACAP



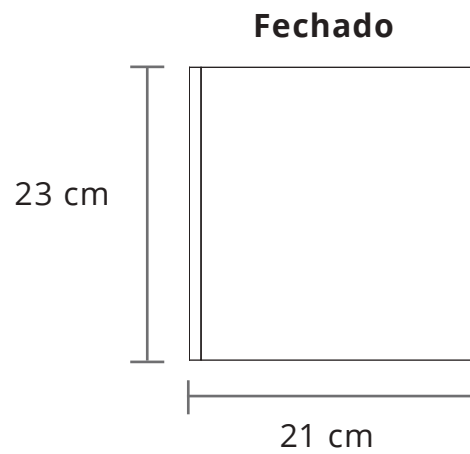
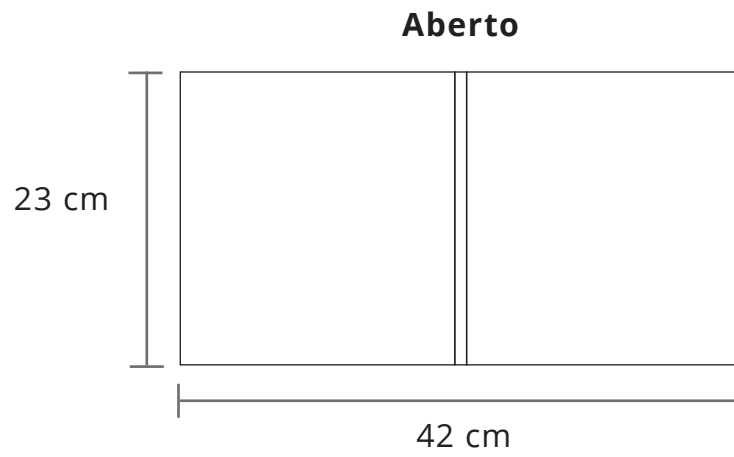
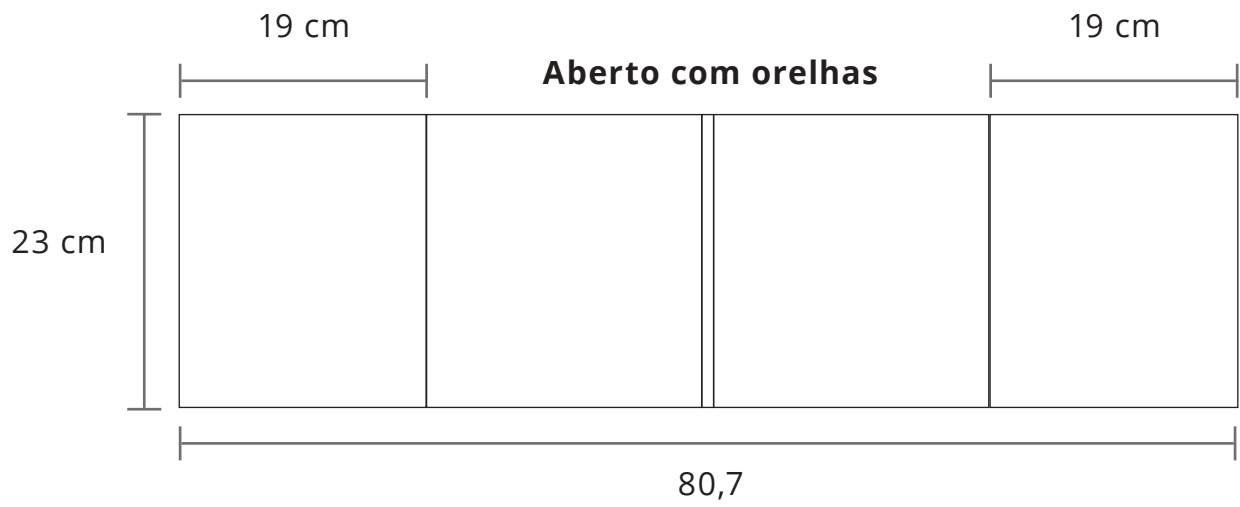
Glossário

Glossário é um tipo de dicionário específico para palavras, assim como expressões que possam ter pouco conhecidas.

<p>Pão de azara É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>	<p>Lapinha É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>	<p>Cacuriá É uma dança inventada pela Dona Tezê.</p>	<p>Macaxeira É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>
<p>Jeringim É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>	<p>Jurema É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>	<p>Três pescados É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>	<p>Papagaio É um tipo de bolo feito com farinha de milho e açúcar, muito comum no Nordeste.</p>



FORMATO



ACABAMENTO

A escolha do papel foi feita a partir da coleção Pedro Fugiu de casa.

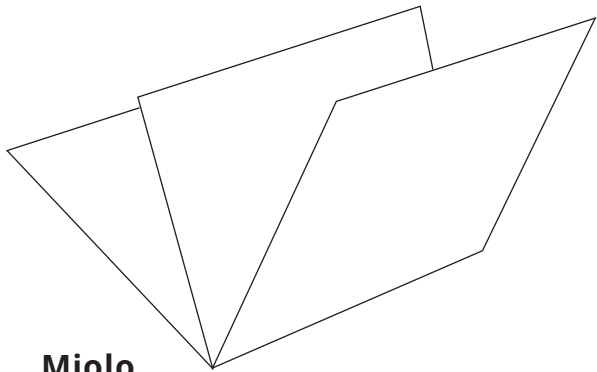
Papel (miolo) Papel offset Alta alvura 150g/m²

Papel (capa) Papel Cartão Supremo 300g/m²

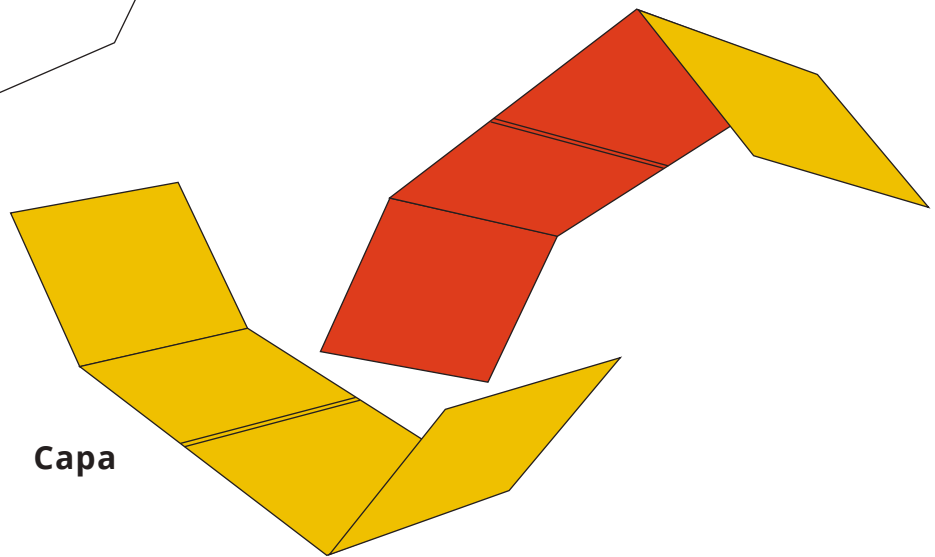


JORGE LUIZ MÓRBEGA nasceu no Rio de Janeiro. Morou em outros bairros, foi produtor artístico, consultor internacional e ator. Conta da sua vida para não esquecer quando puder. Um dia, ainda jovem, depois de uma briga na rua, sobiu sozinho num ônibus e se perdeu pela cidade. Ao chegar em casa à noite, levou uma surra e da noite para o dia nunca mais se viu durante aquela aventura. Contou essa história para os seus filhos, depois para os seus netos. Conta agora para você.

GUAZZELLI nasceu em Vacaria, no Rio Grande do Sul, e trabalhou em uma empresa por tempo. Bem pequeno, mudou-se para Porto Alegre, onde viveu muitos anos, o suficiente para aprender as coisas importantes da vida. Foi daí que se apaixonou por todo tipo de desenho. Anos depois, foi para São Paulo, onde continuou a desenhar, fazendo direção de arte para filmes, ilustrando livros, papéis e revistas. Nunca fugiu de casa, mas tem certeza que deseja proporcionar a mesma sensação de liberdade.



Miolo



Capa

TIPOGRAFIA

Para privilegiar a legibilidade, defini como padrão a fonte Garamond.

GARAMOND

abcdefghijklmnopqrstuvwxy z

ABCDEFGHIJKLMN

OPQRSTUVWXYZ

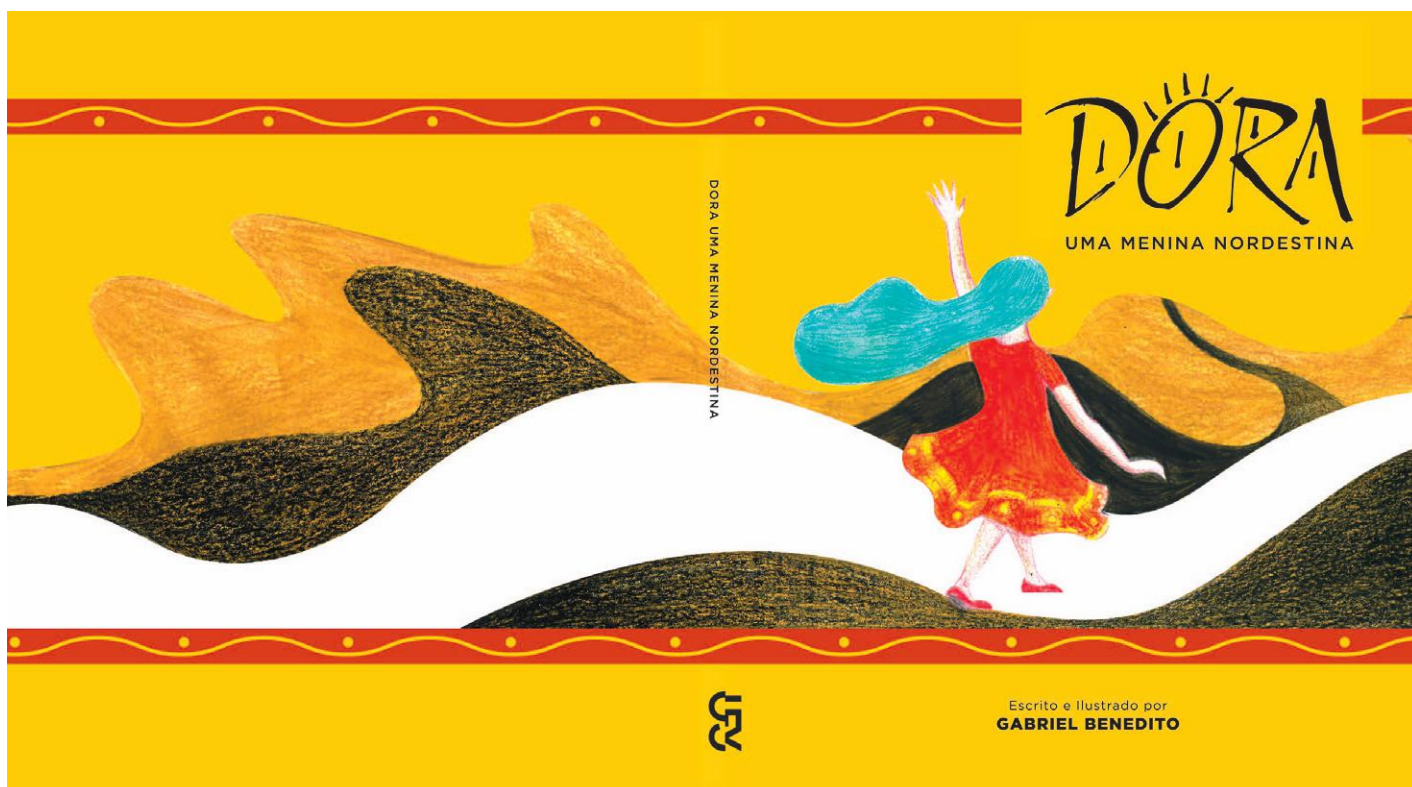
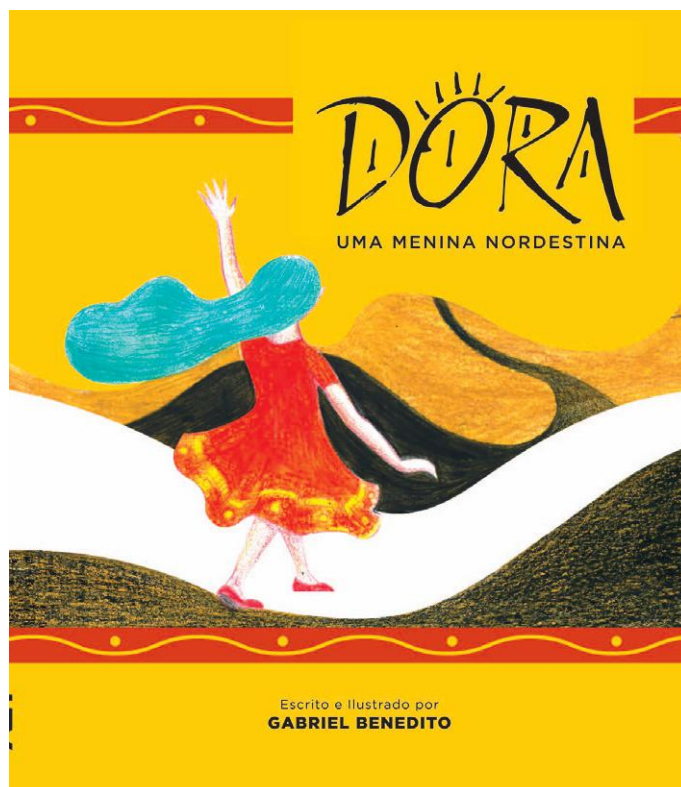
123456789

A fonte serifada com a designação Garamond foi desenhada e fundada em Paris, em 1535, pelo gravador de punções Claude Garamond (1480-1561).

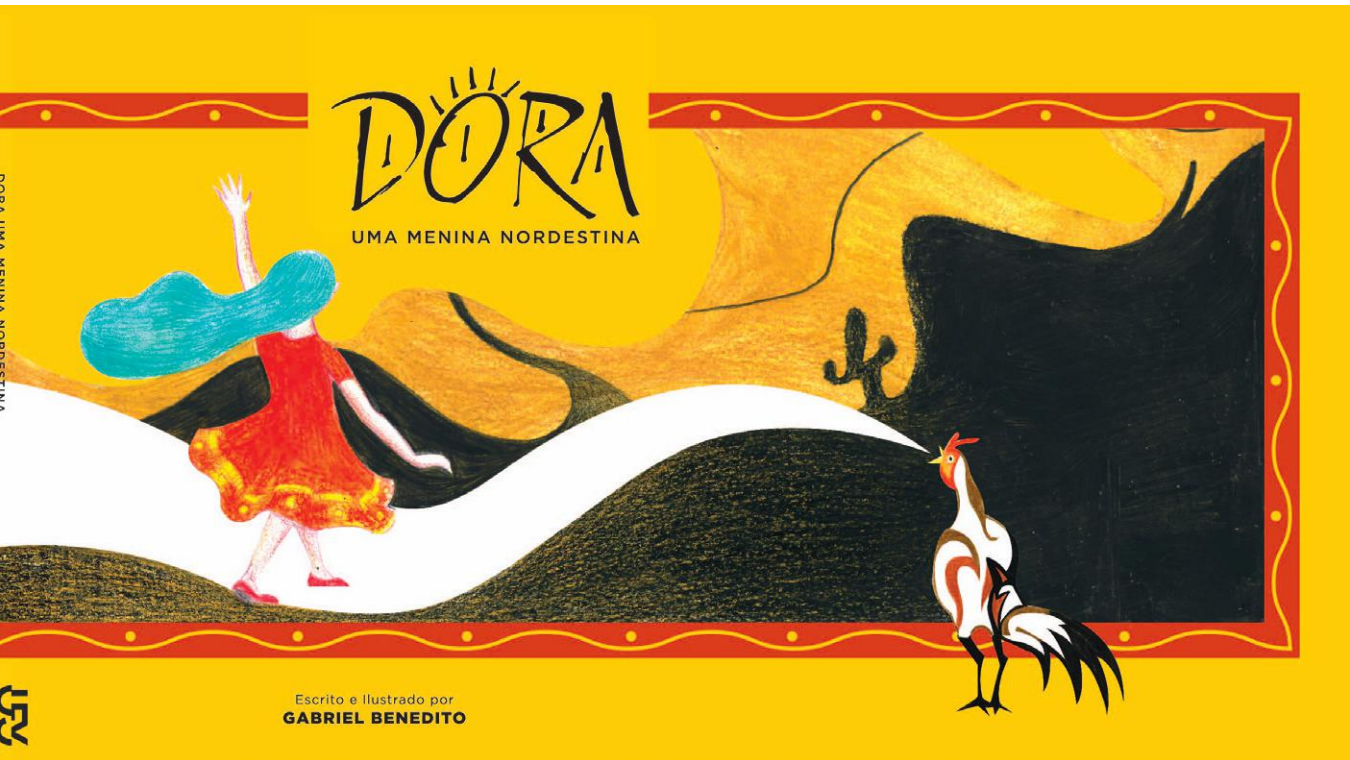
É uma fonte do gênero das Romanas renascentistas. Garamond foi o primeiro a conceber o corte redondo e o corte itálico com duas componentes da mesma família de fontes. As formas de letras Garamond foram mais tarde aperfeiçoadas por Robert Granjon e Christoph van Dyck. Graças à clareza e à harmonia das suas formas, mantiveram-se em uso até aos nossos dias.

(MÜLLER-BROCKMANN, JOSEF 2012 p 21)

CAPA | CONTRA-CAPA







Escrito e Ilustrado por
GABRIEL BENEDITO

GABRIEL BENEDITO nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro em 1990. É formado em Comunicação Visual pela EBA/UFRJ. Desde pequeno já mostrava interesse pela arte, observava os grafites nos muros das ruas na tijuca, por um tempo se aventurou nessa expressão artística, que o fez optar pelo Design gráfico e ilustração numa obsessiva busca ao trabalho autoral.

Verso da capa

4.2 TÍTULO DA EDIÇÃO/LOGOTIPO

Conceito

DORA, UMA MENINA NORDESTINA

O nome surgiu da personagem nordestina do filme *“O alto da compadeci-da”*, a ideia do título é antecipar o assunto para o leitor. O projeto é totalmente autoral e Dora é um nome solar, para traduzir este conceito desenvolvi uma letra saindo do padrão de xilogravura, com a minha caligrafia para passar a sensação de exclusividade.

82



Técnica: Caneta Pilot Parrallel Pen.



DORA DORA DORA
DORA DORA DORA
DORA DORA DORA

83

DORA

UMA MENINA NORDESTINA

5

CONCLUSÃO

84

A gênese do projeto era ser um dicionário visual de palavras e expressões nordestinas. Foi um início muito confuso, mas ao longo do tempo o caminho foi sendo delineado, aprimorado. Eu precisava de um motivo maior, uma narrativa.

Foi um desafio enorme conceber o trabalho pois além de todos os processos eu escolhi um caminho que eu não dominava: a escrita.

Outro fator desafiante foi a técnica usada na ilustração, foi praticamente um ano aprendendo, experimentando materiais.

Concluo que foi muito trabalhoso, cansativo, mas o somatório de todas essas experiências, contribuiu para um amadurecimento pessoal, profissional e um trabalho totalmente autoral.

Agradeço a todos os professores pela contribuição à minha formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LINDEN, Sophie Van der; **Para ler o livro ilustrado.**

Tradução: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de; **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico.**

São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2. ed. 2011.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do nordeste.**

Recife: Ed. Cepe, 2. ed. 2013.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antonio Tadeu Ribeiro de (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil.**

Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>>.

Acesso em: 12 Jun. 2018.

ALENCAR, José Salmo Dansa de. **Uma breve história dos livros ilustrados.**

Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/artes/0022.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

NÓBREGA, Jorge; GUAZELLI, Eloar (ilustrador). **Pedro vai a Botafogo: e prepara a sua fuga.** Rio de Janeiro: Edições de janeiro, 2015. (Pedro fugiu de casa; 1)

MATTOTTI, Lorenzo. **Carnaval.** Rio de Janeiro: casa 21 Ltda, 2006

MÜLLER-BROCKMANN, Josef. **Sistemas de Grelhas: Um manual para designers gráficos.** Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 3. ed. 2012.

